
O *ribat* da Arrifana (Aljezur, Algarve): resultados das escavações arqueológicas no Sector 3 (2003/2004)

ROSA VARELA GOMES*
MÁRIO VARELA GOMES**

R E S U M O

Dá-se a conhecer conjunto edificado, em meados do século XII, constituído por pequena mesquita, minarete e possível “muro de orações”, situado na extremidade da península da Ponta da Atalaia e integrado no *ribat* fundado por Ibn Qasí. Aquelas estruturas desempenham papel fulcral na hierarquização do espaço do *ribat*, deduzindo-se que o pequeno templo acima referido seria utilizado pelo mestre e pelos seus seguidores mais directos. A presença do minarete, situado próximo, vem acentuar a importância daquela zona do *ribat*, debruçada sobre o Oceano e onde, primeiramente, se terá erguido “muro de orações”. Este sector do *ribat* foi reocupado, depois de período de abandono, durante o século XIV e os inícios do século XV, tendo a mesquita sido alterada e os restos do minarete servido como atalaia, originando o topónimo com que o local é hoje conhecido. Entre o espólio exumado contam-se artefactos epipaleolíticos, que testemunham presença humana remota, cerâmicas e outros objectos contemporâneos da edificação e funcionamento do *ribat* (meados do século XII), tal como cerâmicas e numismas ulteriores à conquista cristã do Algarve (séculos XIV a XVI).

A B S T R A C T

We present a structure complex built in the middle of the 12th century, composed by a small mosque, a minaret and a possible “prayer wall”, located at the end of the Ponta da Atalaia peninsula and integrated in the *ribat* founded by Ibn Qasí. Those structures played a very important role in the space hierarquisation of the *ribat*, and we can deduce that the small temple mentioned above would have been used by the master and by his most direct followers. The presence of the nearby minaret emphasizes the importance of that zone of the *ribat*, leaning over the Ocean and where the “prayer wall” was firstly built. This area of the *ribat* was reoccupied, after an abandonment period, during the 14th century and the beginning of the 15th century. The mosque was modified and the remains of the minaret were used as watchtower, giving origin to the toponym with which the local is known today. Among the archaeological findings there are Epipalaeolithic artifacts, that testified a remote human presence, ceramics and other contemporaneous objects of the construction and functioning of the *ribat* (middle of the 12th century), such as ceramics and coins ulterior to the Christian conquest of the Algarve (14th to 16th centuries).

1. Objectivos

Com a campanha de escavações de 2003 no ribat da Arrifana iniciámos projecto que visava estudar a totalidade daquele arqueossítio, embora ocupando zona que se estima em cerca de 2,5 ha (Fig. 1).

Pretendíamos, daquele modo, proceder à análise do planeamento de tal complexo, dos seus tipos de instalações e da sua evolução arquitectónica, tanto em termos conceptuais como construtivos, mas, também, abordar a análise paleoetnológica da população que ali residiu, estudando outros testemunhos exumados, nomeadamente os restos de artefactos e de ecofactos.

Naquele contexto, procedeu-se, durante as campanhas de 2003 e 2004, à escavação de nova área, que denominámos Sector 3, correspondendo à extremidade da península da Ponta da Atalaia, onde pequena formação dunar moderna encobria restos de algumas estruturas. Estas eram constituídas por pequena mesquita, minarete e muro, talvez “muro de orações”, que delimitava a zona onde se encontravam as edificações antes mencionadas.

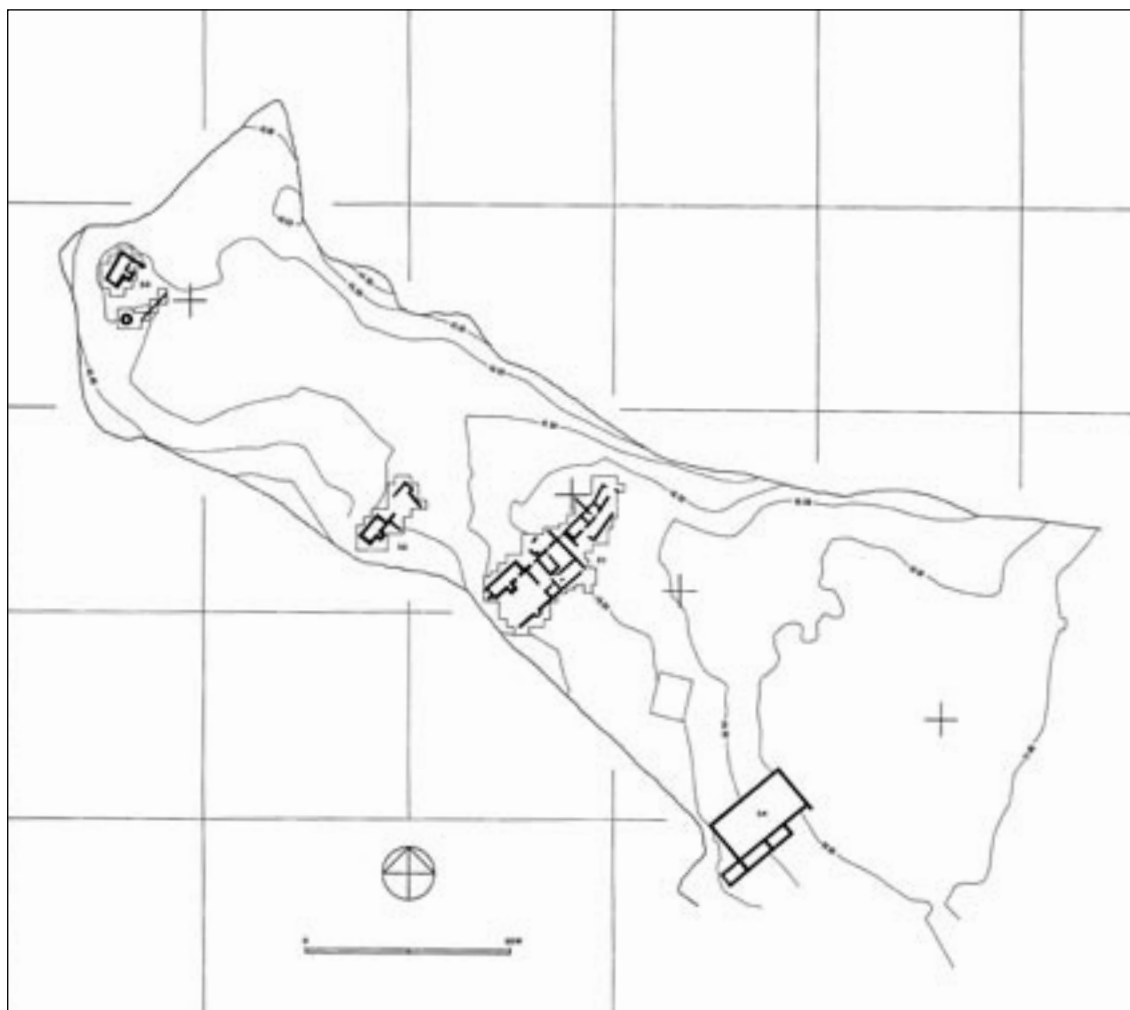


Fig. 1 Península da Ponta da Atalaia (Arrifana), com indicação dos sectores escavados.

2. Metodologia e meios

Os trabalhos de campo de 2003 realizaram-se de 1 a 29 de Agosto e, no ano seguinte, de 2 a 31 de Agosto.

A área intervencionada foi quadriculada, com malha de 2 m de lado e orientada segunda a direcção dos pontos cardeais, de modo a melhor procedermos ao registo tridimensional das estruturas e dos espólios exumados.

Os quadrados foram designados por números, tendo sido explorados 40, totalizando área medindo 160 m² (Fig. 2).

A escavação realizou-se por quadrados e por sequência de camadas artificiais, medindo 0,10 m de espessura, sendo o espólio exumado integrado nos estratos arqueológicos detectados.

Procedeu-se ao registo das estruturas descobertas, através do desenho de plantas, cortes e alçados, com altimetria servida por cotas absolutas, obtidas a partir do marco ligado à rede geodésica nacional, mas, ainda, por fotografia, a preto e branco, e por diapositivos coloridos.

O espólio exumado foi assinalado por quadrados e por camadas de procedência, em alguns casos por unidades de escavação menores (*loci*), no interior das camadas ou quadrados, designadamente aquele surgido *in situ* ou *in loco*.

As peças completas, ou que permitiram reconhecimento formal e/ou funcional, tal como reconstituição gráfica, mesmo que parcial (fragmentos de bordos, fundos ou asas), ou decoradas, foram descritas e desenhadas, encontrando-se marcadas com as iniciais do arqueossítio, o sector e o quadrado de proveniência, a camada ou a unidade de escavação a que pertenciam e o número de ordem obtido no interior daqueles sistemas (ex: AR. S3/Q12/C2-2).

Todos os fragmentos de cerâmica foram classificados em quatro grandes grupos ou classes (cerâmicas produzidas com pastas de cores claras e com as superfícies esmaltadas, cerâmicas produzidas com pastas de cores claras ou vermelhas e com as superfícies vidradas, cerâmicas produzidas com pastas de cores claras e cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha).

O restante espólio integrou a categoria dos artefactos metálicos.

Os restos de fauna mamalógica, de avifauna e de fauna malacológica, assim como de flora (carvões), irão ser entregues para estudo a especialistas das áreas respectivas.

Os trabalhos de campo, e algumas tarefas processadas em gabinete, foram subsidiados pela Câmara Municipal de Aljezur que proporcionou, de igual modo, diverso apoio logístico, pela Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pelo Instituto Português de Arqueologia, através do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, e por algumas empresas privadas do Concelho de Aljezur, entidades a quem nos cabe expressar, publicamente, o nosso reconhecimento. Este estende-se, uma vez mais, ao Sr. Manuel José de Jesus Marreiros, presidente da autarquia referida e ao Sr. José Gonçalves, vereador do pelouro da cultura daquele município, como ao incansável Sr. José Marreiros, presidente da A.D.P.H.A.A., pelos constantes apoios e incentivos ao nosso trabalho, pelo empenho em solucionar os muitos e variados problemas surgidos durante a intervenção, assim como pelas diversas demonstrações de simpatia e de amizade com que nos têm continuado a brindar.

Nas duas campanhas, que conduziram à escavação do Sector 3 do *ribat*, contámos com a colaboração dos licenciados em História-Variante de Arqueologia, Carlos Filipe Leitão Carreira, Tânia Alves Casimiro e Telmo Silva, como assistentes de arqueólogo, e dos seguintes estudantes da F.C.S.H. da U.N.L.: Alexandra Prates Krus, Ana Rita Trindade, Carla Andreia Torres, Filipe Acabado Salgueiro, Filipe Nunes, Joana Maria Rodrigues, Maria Catarina Saragoça, Maria Inês Soares, Nádia Gomes, Paulo da Cruz Rodrigues, Patrícia Fernandes Nascimento, Rui Gomes Coelho, Rui Miguel

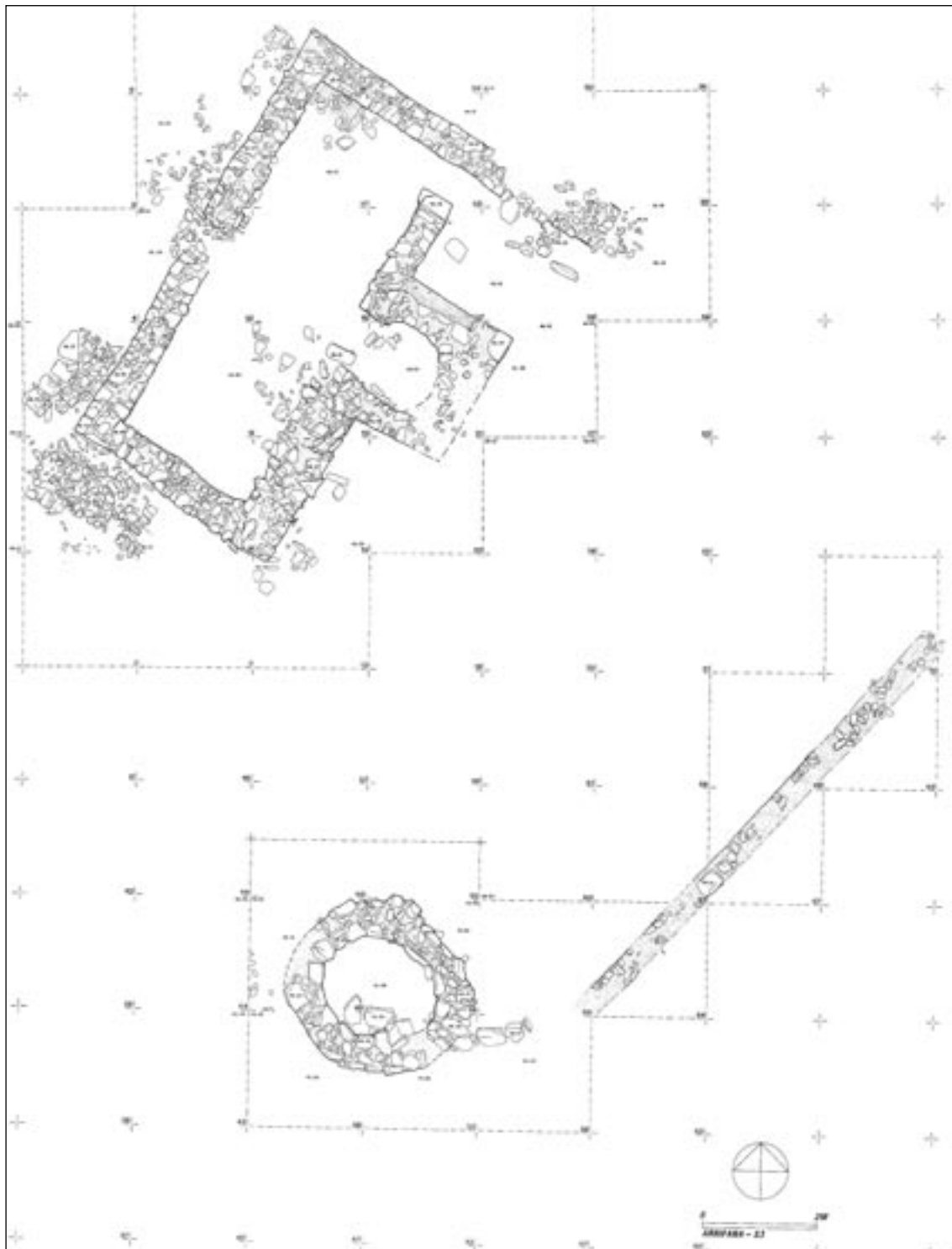


Fig. 2 Ponta da Atalaia. Planta das estruturas exumadas, no Sector 3.

Rosa, Sara Simões, Susana de Almeida Severino, Tiago Costa e Vanessa Mota, assim como dos participantes no curso livre intitulado “Sítios, Sociedades e Cultura no Al-Andalus”, que decorreu em Aljezur, de 11 a 16 de Agosto, nomeadamente, Udo Schwarzer, Cláudia Schwarzer, Joel Jacinto

Rodrigues, Maria Lúcia Gabriel, Patrícia Martins Ricardo e Rodrigo Leite Teixeira, a quem devemos, sem excepção, empenho nas tarefas que lhes foram confiadas.

Os desenhos de campo são da autoria de Mário Varela Gomes, Tânia Alves Casimiro e de Rui Gomes Coelho. Os desenhos de gabinete devem-se a Ana Cristina Machado e Joana Filipa Gonçalves.

As escavações arqueológicas foram visitadas pelos Professores Doutores Jorge Crespo, director da F.C.S.H. da U.N.L., Luís Lhach Krus (U.N.L.), Helena Catarino (U.C.), Carlos Fabião (F.L.U.L.), Rafael Azuar Ruiz (M.A.), António Malpica Cuello (U.G.), Cristophe Picard (Sorbonne), Maria José Ferro Tavares, reitora da U. A., António Augusto Tavares (U.L.), Maria do Carmo Vieira da Silva (U.N.L.), José Custódio Vieira da Silva (U.N.L.), pelo Dr. Fernando Real e Dr^a Catarina Tente, respectivamente director e subdirectora do I.P.A., tal como pelos arqueólogos Luís Campos Paulo, Sónia Duarte Ferreira, Luís Fontes (U.M.), Manuel Real (C.M.P.) e por Carlos Alberto Damas, director do Centro de Estudos da História do BES.

3. Estratigrafia e estruturas

No Sector 3, situado na extremidade da Ponta da Atalaia e debruçado sobre o Oceano, afluavam, ao nível do solo, restos de estruturas, construídas com blocos de pedra. Cobria-as formação dunar moderna.

A estratigrafia detectada era formada pelas seguintes camadas:

Camada 1 – Constituída por areias pouco coesas, com cor cinzenta escura (10YR 5/2 e 10YR 4/1)¹. Embalava escassos materiais arqueológicos e apresentava cerca de 0,20 m de potência média;

Camada 2 – Correspondia a terras com forte matriz arenosa, compostas por areias e argilas, mais coesas que as da camada anterior, com cor castanha amarelada ou bege (10YR 6/4). Continha espólio arqueológico, embora não muito abundante, alcançando 0,30 m de espessura;

Camada 3- Restos de duna consolidada, assente no substrato xisto-grauváquico.



Fig. 3 Sector 3. Vista, de sul, da área escavada (foto M. V. G., RXI/04-2).

A área escavada integrava 27 quadrados, na zona norte deste sector, e 13 quadrados, no lado sul (Figs 2 e 3).

Naquela primeira área investigada, puseram-se a descoberto restos de pequena mesquita. Esta apresenta planta de forma rectangular, mostrando a *qibla* orientada no sentido sudoeste-nordeste e o respectivo *mibrab* aberto ao centro, voltado para sudeste.

O nicho do *mibrab* possui planta de forma elíptica, embora esteja integrado em volume de contorno rectangular. No topo nordeste da *qibla* abria-se a entrada neste templo e que media 0,60 m de largura.



Fig. 4 Sector 3. Mesquita, vista de nascente (foto M. V. G., RXI/04-9).



Fig. 5 Sector 3. *Mihrab* da mesquita, visto de poente (foto M. V. G., RXI/04-6).



Fig. 6 Sector 3. Estrutura de combustão, no interior da mesquita, vista de sul (foto M. V. G., RV/03-26).

Esta pequena mesquita mede, exteriormente, 8,00 m de comprimento por 4,00 m de largura média, tendo a parede exterior do *mihrab* 2,40 m de largura (Fig. 4).

As paredes do templo, que temos vindo a descrever, foram edificadas com blocos, de pequenas e médias dimensões, de arenito, xisto e de grauaques, com origem local, ligados com terra amassada. A parte superior daquelas era erguida em alvenaria de taipa. Medem 0,70 m de largura média e as melhores conservadas atingem 0,50 m de altura.

As paredes exteriores do *mihrab* mostram blocos de maiores dimensões, melhor aparelhados e cuidadosamente unidos. Este aspecto deve-se, certamente, à importância daquele elemento no contexto do templo que integra.

A cobertura desta construção era em terraço, suportado por travejamento de madeira e revestida por terra, conforme permite depreender a quase ausência de fragmentos de telhas.

As paredes, e principalmente as do nicho do *mihrab*, eram revestidas com argamassa de cal e areia. O pavimento era constituído por terra batida, sobre a qual assentava argamassa de terra, areia e cal (Fig. 5).

Em período ulterior à ocupação islâmica deste arqueossítio, quando a pequena mesquita se encontrava abandonada, e possivelmente em parte derrubada, as suas ruínas foram recuperadas e nelas habitou alguém.

A reutilização mencionada terá ocorrido no século XIV e nos inícios da centúria seguinte, conforme parecem documentar cerâmicas ali recuperadas e deve encontrar-se relacionada com a transformação do minarete, localizado a alguns metros, em torre atalaia.

As alterações arquitectónicas verificadas respeitam à desativação do *mihrab*, à construção de parede que subdividiu o interior da mesquita, como à abertura de vão na parede paralela à *qibla* e à construção de estrutura de combustão, junto ao canto norte da mesquita (Fig. 6).

Adossado ao paramento exterior do canto sudoeste da mesquita em apreço, detectou-se espaço lajeado, medindo 1,80 m de comprimento por 1,00 m de largura, cuja função e cronologia não se encontram, ainda, esclarecidas.

A cerca de 6,00 m a sul do canto sudeste do templo que acabámos de descrever, identificou-se e escavou-se, estrutura com planta de forma subcircular, correspondendo à base de minarete e que, ulteriormente, parece ter sido utilizado, em tempos cristãos, como vigia, conferindo à península onde se encontra o topónimo de Ponta da Atalaia (Figs 2 e 7).

A estrutura acima assinalada foi edificada com blocos, de pequenas e médias dimensões, de xistos, grauvaques e de arenitos ferrosos, ligados com terra. Em algumas zonas os paramentos, interior e exterior, aproveitam blocos maiores e melhor aparelhados, sendo o interior preenchido com elementos de pequenas dimensões.

A técnica construtiva que acabámos de registar é muito semelhante à detectada na edificação tanto das mesquitas como de outras estruturas islâmicas, exumadas neste mesmo local.

Aquela correspondência é, também, acentuada pelas medidas que se utilizaram nas edificações agora dadas a conhecer.

Os restos do minarete medem entre 3,00 m e 3,30 m de diâmetro exterior, dado não formarem um círculo perfeito, e as paredes apresentam 0,60 m de largura média.

As estruturas descobertas atingem, apenas, 0,35 m de altura, a partir do nível do solo primitivo, sendo quase certo que a parte superior das paredes seria edificada em taipa.

No interior das ruínas do minarete encontrámos alguns blocos de pedra, correspondendo ao arranque de escada, podendo constituírem testemunhos de dispositivo que atingisse o topo daquela construção, e que dada a espessura das paredes, não deveria alcançar altura muito superior aos 7,00 m.



Fig. 7 Sector 3. Vista, de sul, do minarete (foto M. V. G., RV/03-20).

A cerca de 2,00 m para nascente dos restos do minarete afloravam no solo vestígios de longo muro disposto no sentido sudoeste-nordeste, ou seja, com orientação idêntica à verificada nas *qiblas* das quatro mesquitas reconhecidas na Ponta da Atalaia.

Os testemunhos disponíveis permitiram verificar tratar-se de antigo muro, que se reconhece durante cerca de nove metros, construído em alvenaria de taipa, embora incluindo alguns blocos de pedra e medindo, apenas, 0,40 m de largura. O seu estado de conservação, as características construtivas, a orientação, a extensão e a localização sugerem tratar-se, muito possivelmente, da construção mais antiga até agora detectada neste arqueossítio, podendo ter constituído longo “muro de orações” que isolasse a extremidade da Ponta da Atalaia, devendo assinalar o seu espaço com maior importância religiosa.

Ali se terá erguido, em período subsequente, a pequena mesquita antes descrita e, também, o minarete, construção que vem sublinhar a importância desta zona na hierarquização dos espaços no *ribat*.

É aceitável que a mesquita mencionada correspondesse ao espaço sagrado utilizado pelo fundador deste complexo religioso e pelos seus seguidores mais directos.

4. Espólio islâmico (século XII)

4.1. Artefactos metálicos

- Prego (AR.S3/Q26/C1-4). De cobre/bronze, conserva-se, apenas, a cabeça, decorada com flor, formada por elemento circular central, seis pétalas, em relevo, e entre estas mostra pequeníssimos elementos triangulares, talvez figurando sépalas. Mede 0,019 m de diâmetro e 0,005 m de altura (Fig. 8).
- Pente de tear (AR.S3/Q1/C2-1). De ferro, oferece forma de lâmina e mostra bordo denteado. Mede 0,033 m de comprimento, 0,012 m de largura e 0,002 m de espessura máxima (Fig. 8).
- Prego (AR.S3/Q16/C1-6). De ferro, oferece corpo com secção quadrangular e cabeça de contorno subcircular. Mede 0,036 m de comprimento e 0,025 m de diâmetro na cabeça (Fig. 8).
- Prego (AR.S3/Q30/C1-3). De ferro, mostra corpo com secção quadrangular e cabeça de contorno subcircular. Mede 0,026 m de comprimento e 0,015 m de diâmetro na cabeça (Fig. 8).
- Prego (AR.S3/Q35/C1-5). De ferro, apresenta corpo com secção quadrangular e cabeça de contorno subcircular. Mede 0,036 m de comprimento e 0,020 m de diâmetro na cabeça (Fig. 8).
- Prego (AR.S3/Q35/C1-6). De ferro, tem corpo com secção quadrangular e cabeça de contorno subcircular. Mede 0,038 m de comprimento e 0,020 m de diâmetro na cabeça (Fig. 8).

4.2. Cerâmicas produzidas com pastas claras e com as superfícies vidradas

- Garrafa (AR.S3/Q16/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do fundo e do corpo. Este tinha forma ovóide e assentava em fundo plano, destacado, no exterior, através de canelura larga. Foi fabricada com pasta não muito homogénea nem compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. O núcleo das paredes é de cor bege acinzentada (10 YR 7/2) e ambas superfícies oferecem vidrado, de cor castanha amarelada (10 YR 6/8), bem fixado e brilhante, e com aspecto melado. Media 0,045 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,006 m (Fig. 8).

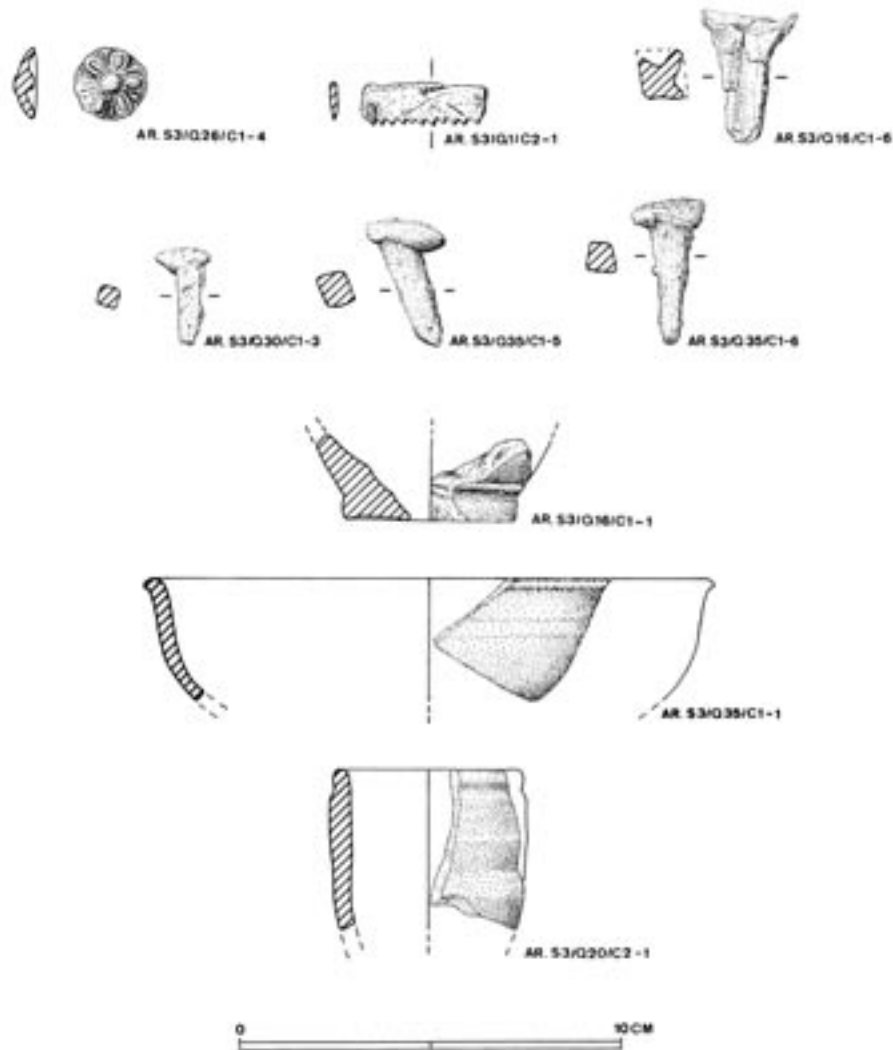


Fig. 8 Sector 3. Espólio metálico, cerâmicas vidradas ou produzidas com pastas de cores claras (século XII).

- Taça (AR.S3/Q35/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este oferecia forma bitroncocónica, com carena alta. O bordo, ligeiramente extrovertido, apresenta lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, de grão grosseiro. O núcleo das paredes é de cor bege amarelada (10YR 8/4) e ambas superfícies oferecem vidrado, aderente mas pouco brilhante, de cor amarela esverdeada (10YR 5/6), com aspecto melado. Media 0,150 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 8).

4.3. Cerâmicas produzidas com pastas de cores claras

- Jarra (AR.S3/Q20/C2-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo, vertical, demarcado na superfície exterior por canelura e possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de

grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor bege amarelada (2.5Y 7/4). Média 0,050 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,006 m (Fig. 8).

5. Espólio dos séculos XIV e XV

5.1. Cerâmicas produzidas com pastas de cores claras e com as superfícies esmaltadas

- Taça (AR.S3/Q4/C1-4). Fragmento correspondendo a porção da parede. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão finíssimo. O núcleo das paredes é de cor bege rosada (5 YR 7/4) e ambas superfícies oferecem esmalte de cor branca, sendo o interior decorado com motivos de cor azul e a exterior com reflexo metálico, de cor avermelhada, constituindo conjunto de traços sub-paralelos. A espessura média das paredes é de 0,007 m (Fig. 9).
- Jarro (?) (AR.S3/Q4/C1-5). Fragmento correspondendo a porção do corpo. Foi fabricado com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, de grão médio. O núcleo das paredes é cor-de-rosa clara (5YR 8/4). Ambas superfícies oferecem esmalte, de cor branca, aderente mas sem brilho. Na superfície exterior observa-se decoração pintada, nas cores azul cobalto e dourada. A espessura média das paredes é de 0,008 m (Fig. 9).

5.2. Cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha

- Marca de jogo (AR.S3/Q4/C1-6). Oferece forma cilíndrica, embora com contorno irregular. Foi afeiçoada a partir de fragmento da parede de cântaro, produzido com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são de cor vermelha (10R 6/8). Média 0,047 m de diâmetro e a espessura máxima é de 0,004 m (Fig. 9).
- Prato (AR.S3/Q28/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este tinha forma troncocónica e o bordo era espessado, tanto no interior como no exterior, algo pendente e com lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são de cor vermelha (10R 5/6), mostrando manchas de cor cinzento-escura (10R 3/1), devido à exposição ao fogo. Média 0,280 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,007 m (Fig. 9).
- Taça (AR.S3/Q16/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este tinha forma hemisférica achatada e o bordo, destacado, por canelura na superfície exterior, era ligeiramente espessado e apresentava secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes são de cor cinzento-escura (5 YR 4/1), enquanto a superfície exterior e o bordo apresentam aguada de cor cinzenta, quase negra (7.5 YR 4/0). Média 0,150 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 9).
- Tacho (AR.S3/Q16/C1-5). Fragmento correspondendo a porção do bordo. Este era espessado e em bisel, com a parte superior plana e decorado no exterior por três caneluras. Foi fabricado

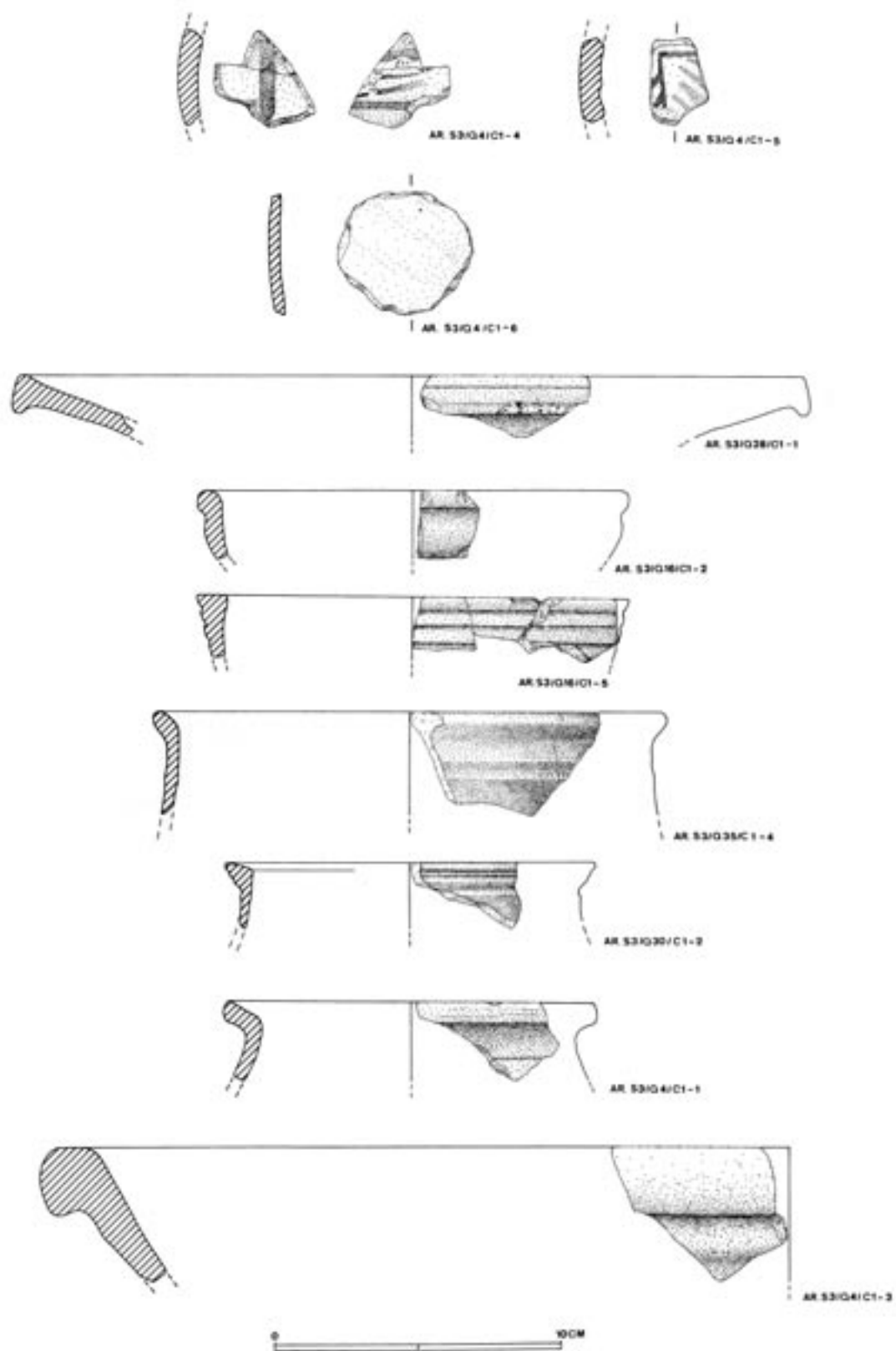


Fig. 9 Sector 3. Cerâmicas esmaltadas e produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha (séculos XIII-XIV).

- com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (2.5 YR 5/8). Média 0,150 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 9).
- Tacho (AR.S3/Q35/C1-4). Fragmento correspondendo a porção do bordo, extrovertido e com lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes são de cor cinzento-escuro (2.5YR 3/0), enquanto a superfície exterior é cor-de-laranja (2.5YR 5/8), demonstrando que a cozedura ocorreu em ambiente redutor e o arrefecimento em ambiente oxidante. Média 0,180 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 9).
 - Tacho (AR.S3/Q30/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo, espessado, com perfil triangular e lábio em bisel, demarcado na superfície exterior por duas caneluras. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor vermelha-clara (10R 6/8). Média 0,130 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m.
 - Tacho (AR.S3/Q4/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo. Este era extrovertido e oblíquo, apresentando lábio com secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor cinzenta (10 R 5/1). A parte superior do bordo e a superfície interior mostram engobe de cor cinzenta-escuro (10 R 4/1). Média 0,130 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 9).
 - Alguidar (AR.S3/Q4/C1-3). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este tinha forma troncocónica e o bordo era espessado e extrovertido, com lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (10 R 5/1). Média 0,520 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,009 m (Fig. 9).
 - Púcaro (AR.S3/Q30/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo e ao arranque de asa. O bordo era espessado e extrovertido, com a parte superior plana, em aba, possuindo lábio de secção semicircular. A asa encontra-se ligeiramente sobreelevada em relação ao bordo e apresentava secção oval. Foi fabricado com pasta não muito homogénea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (2.5YR 5/8). Média 0,090 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m. A asa mede 0,010 m de largura e 0,007 m de espessura máxima (Fig. 10).
 - Painela (AR.S3/Q16/C1-3). Fragmento correspondendo a porção do bordo. Este era vertical e em bisel. Foi fabricada com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes são de cor castanha, acinzentada ou avermelhada (10 R 4/1; 10 R 4/4), enquanto a superfície exterior oferece aguada de cor castanha-avermelhada (10 R 4/2). Média 0,120 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 10).
 - Painela (AR.S3/Q27/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo, vertical e oferecendo duas caneluras na superfície exterior, mostrando lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e

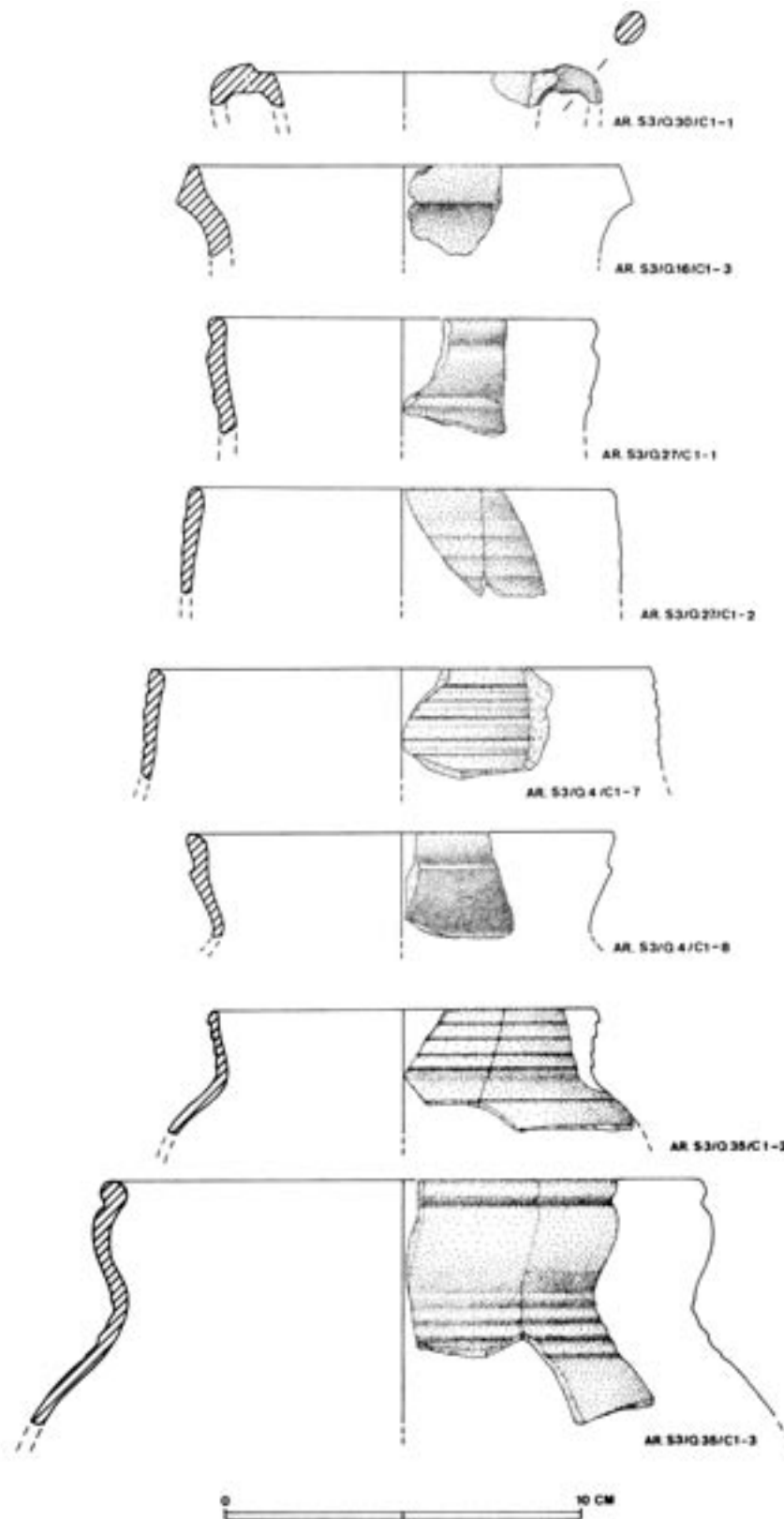


Fig. 10 Sector 3. Cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha (séculos XIII-XIV).

- micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes possui cor cinzenta (2.5YR 4/0), embora de aspecto metalizado na superfície exterior. Média 0,110 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 10).
- Panela (AR.S3/Q27/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo, subvertical, oferecendo série de caneluras na superfície exterior e mostrando lábio com secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor castanha-escura (2.5YR 3/4), a superfície interior possui cor vermelha (10R 5/6), enquanto a superfície exterior apresenta cor cinzenta (10R 4/1). Média 0,120 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 10).
 - Panela (AR.S3/Q4/C1-7). Dois fragmentos correspondendo a porção do bordo, subvertical e com lábio de secção semicircular. A superfície exterior do bordo encontra-se preenchida por caneluras estreitas. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor vermelha (10R 5/8). Média 0,140 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 10).
 - Panela (AR.S3/Q4/C1-8). Fragmento correspondendo a porção do bordo, ligeiramente espessado e destacado por cordão, com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor cinzenta-escura (10R 4/1). Média 0,120 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 10).
 - Panela (AR.S3/Q35/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo, subvertical, oferecendo caneluras na superfície exterior e possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são cor-de-laranja (2.5YR 6/8), embora a superfície exterior ofereça manchas de cor cinzenta (2.5YR 4/0), inicialmente cobertas por engobe da primeira cor referida. Média 0,110 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 10).
 - Panela (AR.S3/Q35/C1-3). Fragmento correspondendo a porção do bordo, subvertical, com as paredes convexas e lábio demarcado, na superfície exterior, por canelura, oferecendo secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio. O núcleo das paredes é de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0), a superfície exterior oferece engobe cor-de-laranja (2.5YR 6/8) e a superfície exterior teria engobe daquela mesma cor, embora mostre cor castanha (2.5YR 5/4), devida à sua exposição ao fogo. Média 0,170 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 10).
 - Panela (AR.S3/Q17/C2-1). Conjunto de fragmentos correspondendo ao bordo, ao corpo e ao fundo. Oferecia corpo ovóide, assente em fundo quase plano. O bordo era alto e vertical, com lábio de secção semicircular. Duas caneluras demarcam, na parede exterior, o lábio e duas outras a união do bordo com o corpo. Duas asas, com secção oval, arrancavam do bordo e assentavam na parte inferior do corpo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes são de cor cinzenta (2.5YR 4/0). Média 0,192 m de altura, 0,110 m de diâmetro no bordo, 0,106 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 11).
 - Panela (AR.S3/Q4/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo, conservando uma asa. O bordo era extrovertido, com a parte superior plana, ou em aba, e o lábio é



Fig. 11 Sector 3. Panela, produzida com pasta de cor castanha (séculos XIII-XIV).

recto. A asa, com secção oval, arrancava abaixo do bordo e assentava em ponto do volume mesial do corpo. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor cinzenta (10 R 5/1) e sobre aquelas foi aplicado engobe cor-de-laranja (10 R 6/8), mal fixado e quase desaparecido. Média 0,145 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m. A asa mede 0,016 m de largura e 0,010 m de espessura, no volume mesial (Fig. 12).

- Panela (AR.S3/Q16/C1-4). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este mostrava forma ovóide e o bordo era espessado e extrovertido, em aba e com a superfície superior plana. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. Tanto o núcleo como a superfície interior das paredes são de cor vermelha-escura (10 R 4/8), enquanto a superfície exterior apresenta aguada de cor salmão (10 R 5/6). Média 0,140 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 12).
- Panela (AR.S3/Q7/C1-2). Dois fragmentos correspondendo a porção do bordo, espessado e extrovertido, com lábio plano. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio e, alguns, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes são de cor vermelha (10R 5/8). O bordo e a superfície exterior receberam aguada de cor castanha (10R 4/4). Média 0,160 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 12).

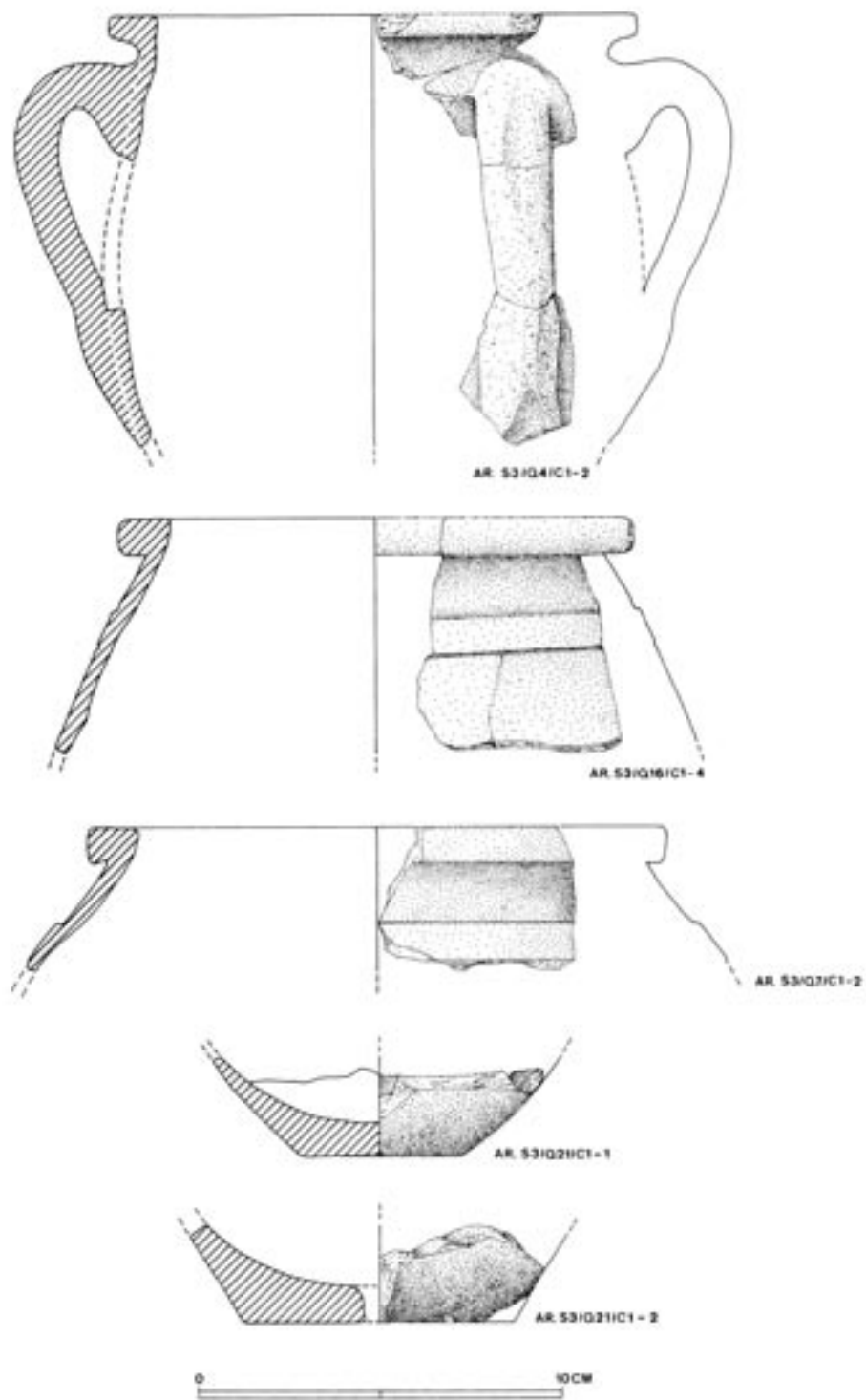


Fig. 12 Sector 3. Cerâmicas produzidas com pastas de cor vermelha ou castanha (sécs XIII-XIV).

- Panela (AR.S3/Q21/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do fundo. Este era plano. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. O núcleo das paredes é de cor castanha (2.5 YR 4/2) e ambas superfícies oferecem engobe de cor salmão (10 R 5/6). Média 0,045 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 12).
- Panela (AR.S3/Q21/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do fundo. Este era plano. Foi fabricada com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio a grosseiro. Tanto o núcleo como a superfície exterior das paredes são de cor castanha-escura (10 R 3/1) e a superfície interior é de cor vermelha (10 R 5/8). Média 0,075 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 12).

6. Espólio da Idade Moderna (século XVI)

6.1. Artefactos metálicos

- Numisma (AR.S3/Q7/C1-3). Três reais, de cobre, pertencente a emissão cunhada no reinado de D. João III, a partir de 1550. Ao centro do anverso observa-se coroa aberta e sob aquela a sigla IoIII. Em redor lê-se [PORTVGAL] ET ALGARB·REX·AFFR[IC]. No reverso detectam-se restos de escudo português. Mede 0,028 m de diâmetro (Fig. 13).
- Numisma (AR.S3/SUP.). Três reais (?), de cobre, possivelmente da emissão acima referida. O anverso encontra-se totalmente apagado e no reverso observam-se restos de escudo português. Mede 0,028 m de diâmetro. Foi oferecida pelo Sr. Agostinho José de Novais, residente em Sagres (Fig. 13).



Fig. 13 Sector 3. Numismas (século XVI) (escala em centímetros).

6.2. Cerâmicas produzidas com pastas vermelhas e com as superfícies vidradas

- Panela (AR.S3/Q34/C1-1). Fragmento correspondendo a porção do bordo, subvertical, demarcado da superfície exterior por cordão, com lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta homogénea mas não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio. O núcleo das paredes oferece cor vermelha (10R 4/8) e ambas superfícies mostram engobe de cor castanha clara (10R 5/3), tal como restos de vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha-esverdeada (2.5Y 4/4). Média 0,120 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 14).
- Tacho (AR.S3/Q7/C1-1). Dois fragmentos correspondendo a porção do bordo e do corpo e ao arranque do fundo. O corpo oferecia forma troncocónica, o fundo era ligeiramente convexo e o bordo espessado, extrovertido e bífido, para encaixe de tampa hermética. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio e, alguns, de grão grosseiro. O núcleo e a superfície exterior das paredes é de cor vermelha (10R 5/8), enquanto o bordo e a superfície interior apresentam vidrado, aderente e brilhante, de cor castanha (7.5YR 4/4), com aspecto melado. Média 0,260 m de diâmetro no bordo, 0,205 m de diâmetro no fundo, 0,055 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,005 m (Fig. 14).

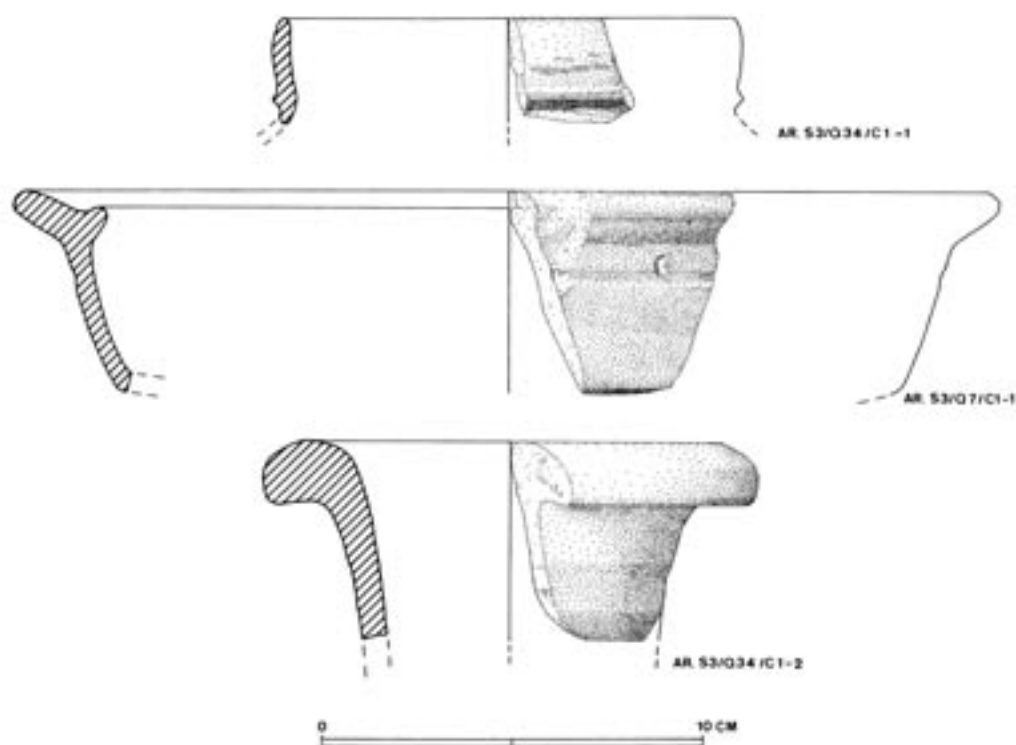


Fig. 14 Sector 3. Cerâmicas vidradas e exemplar com pasta de cor clara (século XVI).

6.3. Cerâmicas produzidas com pastas de cores claras

- Talha (AR.S3/Q34/C1-2). Fragmento correspondendo a porção do bordo, subvertical, espessado e extrovertido, em rolo, possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricada com pasta

homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio. O núcleo das paredes é de cor vermelha muito clara (10R 6/8) e ambas superfícies oferecem engobe de cor bege-amarelada (2.5Y 8/4). Média 0,130 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,008 m (Fig. 14).

7. Contexto e diacronia

Achados dispersos de artefactos líticos, de grauvaque e sílex, tal como vestígios de concheiro, atribuíveis ao Epipaleolítico, constituem na extremidade da Ponta da Atalaia pré-existências à edificação, presumivelmente em meados do século XII e quando Ibn Qasî elegeu aquele lugar para erguer o seu *ribat*, de longo muro de taipa. Este, mostrando orientação canónica, pode corresponder a “muro de orações” que isolasse aquela zona sobranceira ao mar.

Por certo, não muito depois da construção antes mencionada foi erguida a pequena mesquita, agora dada a conhecer, com arquitectura e dimensões próximas da mesquita que escavámos no Sector 2.

O nível correspondente à ocupação islâmica daquele espaço, entregou escassos restos de artefactos metálicos e de cerâmicas.

Entre os objectos metálicos encontra-se cabeça de prego, de cobre ou bronze, decorada com elemento fitomórfico e que encontra paralelos, embora mais estilizados, em pregos da camada 2 do Castelo de Silves (SILV.CAST. Q86/C2-6), datados entre 1191 e 1248 (Gomes, 2003, p. 195, 199), ou em exemplar da Zona da Arrochela, naquela mesma cidade (AR.Q1/E3/C1-85), procedente de silo e com cronologia dos séculos XII-XIII (Gomes, 1999, p. 1304, 1306).

Em Granada, a porta de entrada da denominada “Sala da Barca”, do Palácio de Comares, na Alhambra, foi decorada com pregos semelhantes, embora seja atribuída ao início das obras nazarís ali efectuadas, de meados do século XIII (Orihuela Uzal, 1996, p. 82, 84, fig. 40).

O fragmento de pente de tear da Ponta da Atalaia é afim de outros exumados em Salir, em contexto almoada (Catarino, 1997-98, p. 1305), enquanto os pregos de ferro oferecem formas e dimensões recorrentes, tanto no mundo islâmico como medieval cristão.

Os exemplares de cerâmicas vidradas, de tom melado, são comuns nos níveis islâmicos, desde o século IX, em particular as taças, cuja evolução crono-estilística se identifica melhor no perfil dos corpos e na forma dos pés. O fragmento agora estudado, com bordo quase vertical e carena, integra forma conhecida a partir do século X e que alcança os séculos XII-XIII, conforme exemplar da Zona da Arrochela, em Silves, encontrado na estrutura que ofereceu paralelo para o prego acima referido (AR.Q1/E3/C1-12) (Gomes, 1999, p. 1313, 1314).

A pequena garrafa vidrada corresponde a forma recorrente, em contextos islâmicos do Algarve, dos séculos XII-XIII, nomeadamente de Silves e Salir.

A porção de bordo de jarra, talvez possuindo duas asas opostas, produzida com pasta de cor clara, encontra paralelos nos espólios da camada 3 do Castelo de Silves (século XII) e da Zona da Arrochela (séculos XII-XIII) (Gomes, 1999, p. 1320, 1321; 2003, p. 396, 397).

A reutilização cristã da pequena mesquita ocorreu depois de período de abandono daquela, compreendido entre o assassinato do líder espiritual seu fundador, em 1151, e a ocupação cristã do Barlavento Algarvio, designadamente após a conquista de Aljezur, em 24 de Junho de 1246.

Durante mais de uma centúria, parte daquele templo terá naturalmente ruído, não só a cobertura e as paredes, de taipa, como sector dos alicerces do *mihrab*, conforme pudemos documentar.

A primitiva ocupação cristã da antiga mesquita remonta, de acordo com o espólio ali recuperado, ao século XIV, prolongando-se até aos inícios da centúria seguinte.

Naquele período foi edificado muro, que subdividiu o espaço da mesquita, talvez se tenha aberto vão ao centro da parede do lado poente, para acesso a um dos compartimentos, fazendo-se a entrada no outro espaço pela antiga porta aberta na *qibla*. Também a estrutura de combustão que ali detectámos foi construída durante esta ocupação. Aliás, junto a ela encontramos alguns fragmentos de cerâmica e restos de panela (AR.S3/Q17/C2-1).

Dois fragmentos de cerâmica esmaltada, com fundo de cor branca e decoração nas cores azul e dourada, devem ter pertencido a recipientes de mesa, taça ou escudela e jarro, produzidos nas oficinas valencianas, de Paterna ou Manises, ainda durante o século XIII ou nos inícios do século seguinte (Mesquida García, 2002).

A porção de prato indica tratar-se de peça com corpo de forma troncocónica, assente em pé anelar, com bordo espessado e pendente, sendo semelhante a exemplares recuperados nas camadas 7A e 7B da Casa n.º 4, da rua do Castelo, em Palmela, onde incluíam contextos atribuídos aos séculos XIV e aos inícios do século XV (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 89, 91, 94, 95, 1997, p. 228). Também um dos fragmentos de taça da Ponta da Atalaia (AR.S3/Q16/C1-2) ali tem paralelos nos níveis arqueológicos mencionados.

Um pedaço do bordo de alguidar pertence a forma muito comum nos contextos medievais islâmicos peninsulares tardios, tal como cristãos, medievais e modernos (Gomes e Gomes, 1996, p. 165).

As panelas são a loiça melhor representada nos testemunhos da ocupação cristã do Sector 3. Dois fragmentos daqueles recipientes (AR.S3/Q16/C1-4; AR.S3/Q7/C1-2), com bordo espessado e extrovertido, são semelhantes a exemplares, datados no século XIV ou nos inícios do século XV, da Casa n.º 4 da rua do Castelo, em Palmela, onde integravam as camadas 7A e 7B (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 89, 94, 95, 1997, p. 229).

É contemporâneo daqueles exemplares o fragmento com duas asas opostas, do Sector 3 (AR.S3/Q4/C1-2) e o exumado em silo medieval do Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, p. 114, 115). Também em lixeira de casa do século XV, de Silves, encontramos restos de exemplares idênticos (SIL.3/Q2/C2-33) (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 45, 46).

Aproxima-se da forma dos bordos das panelas acima mencionadas, outro fragmento procedente do Sector 3 do *ribat* da Arrifana (AR.S3/Q4/C1-1).

Bordos de outras panelas mostravam forma sub-vertical, sendo providos de caneluras horizontais e possuindo lábio de secção semicircular (AR.S3/Q27/C1-2; AR.S3/Q4/C1-7; AR.S3/Q35/C1-2), aspecto com antecedentes em peças congêneres cristãs, da segunda metade do século XIII, conforme exemplar recuperado em sepultura da necrópole da Sé de Silves e datado, através de numisma e de análise radiocarbónica (Gomes, 1999, p. 1058-1060). Silo escavado na vila do Crato entregou fragmento de panela do mesmo tipo, atribuído ao século XV (Catarino, 1995, p. 131, 135, fig. III-3).

Os bordos de panela verticais, mostrando as paredes algo convexas e tendo o lábio demarcado por caneluras, que por vezes também surgem na ligação com o corpo (AR.S3/Q17/C2-1; AR.S3/Q35/C1-3; AR.S3/Q27/C1-1), têm afinidades nos bordos de infusas procedentes de casa, do século XV, de Silves (SILV. 3 Q1/C2-7; SILV. 3 Q2/C2-3) (Gomes, Gomes e Cardoso, 1996, p. 54, 55 e 56). Panela congênera provém de silo do Crato (Catarino, 1995, p. 131, 135, fig. III-4), tendo surgido outra em Almería, com cronologia tardo-medieval ou já de Idade Moderna (Flores Escobosa, Muñoz Martín e Marinetto Sánchez, 1997, p. 17, fig. 3-L).

Foi naquele último contexto algarvio que, igualmente, detectámos afinidades para dois dos fragmentos de bordos de tachos da Ponta da Atalaia (AR.S3/Q16/C1-5; AR.S3/Q30/C1-2) (Gomes,

Gomes e Cardoso, 1996, p. 42, 49). E novamente na Casa n.º 4, da rua do Castelo, em Palmela, reconhecemos paralelos, dos séculos XIV e dos inícios do século XV, para os fragmentos de tachos agora publicados (Fernandes e Carvalho, 1995, p. 90, 91, 94, 1997, p. 230-232).

No escasso espólio atribuível ao século XVI, os dois numismas não oferecem dificuldades de classificação cronológica, embora um deles, muito gasto, não indique o reinado em que foi cunhado.

O fragmento contendo porção do bordo de panela, vidrada de cor castanha esverdeada, é muito semelhante a exemplares exumados no Poço-Cisterna de Silves (SILV. 1-204), entulhado nos finais do século XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 148, 151, 157, figs. 8, 13). Peças parecidas surgem em Almería, com cronologia que alcança o século XVI (Flores Escobosa, Muñoz Martín e Marinetto Sánchez, 1997, p. 17, 27, fig. 3-E), denunciando larga difusão daquela forma e do tratamento das superfícies.

De igual modo, o fragmento de tacho, com bordo bifido e vidrado de cor castanha, encontra paralelos no espólio do monumento acima mencionado (SILV.1-155), integrando o conjunto de peças mais tardias (século XVI), embora aquelas possam ter tido antecedentes nas produções almoadas da zona (Gomes e Gomes, 1996, p. 152, 153, fig. 9).

O fragmento de talha, fabricada com pasta de cor clara, pode corresponder a produção regional, algarvia ou sevilhana, e tem paralelos em peças do Poço-Cisterna de Silves.

Quadro I. Formas das cerâmicas dos séculos XIV e XV (C1 e C2).

Formas	Cerâmica esmaltada	Cerâmicas comuns	TOTAL	%
Taça	1	1	2	8,33%
Jarro	1	—	1	4,17%
Prato	—	1	1	4,17%
Tacho	—	4	4	16,66%
Alguidar	—	1	1	4,17%
Púcaro	—	1	1	4,17%
Panela	—	13	13	54,16%
Marca de jogo	—	1	1	4,17%
Total	2	22	24	100,00%
%	8,33%	91,67%	100,00%	

8. Conclusões

O complexo de estruturas identificado na extremidade poente da Ponta da Atalaia, constituído por pequena mesquita, minarete e “muro de orações”, veio enriquecer os conhecimentos disponíveis sobre a singela arquitectura religiosa dos *ribats*. Conforme referimos, a presença do minarete confere maior importância à mesquita anexa, que a localização, quase debruçada sobre o Oceano, já indicava.

Outra novidade decorre da análise arquitectónica dos testemunhos, desde agora disponíveis, do *ribat* da Arrifana, permitindo identificar três grandes momentos construtivos. O mais antigo daqueles corresponde ao longo “muro de orações”, que existiu na extremidade da Ponta da Atalaia, ao qual se terá sucedido outro, integrando as três mesquitas com *mibrab* de planta quadrangular ou rectangular, reflectindo período de grande afirmação religiosa. Por fim, um terceiro período deve integrar obras de ampliação ou de renovação, conforme ilustra a grande mesquita, provida de *mibrab*, com planta de forma semicircular, situada no Sector 1.

Importante dado inédito concerne ao facto da pequena mesquita do Sector 3 ter sido reutilizada nos finais do século XIV, ou nos inícios da centúria seguinte, como ilustram adaptações do seu espaço e, principalmente, significativo conjunto de espólio cerâmico ali exumado.

Entre aqueles materiais contam-se pequenos fragmentos de taça e de jarro, com as superfícies esmaltadas e decoradas nas cores azul e dourada, de reflexo metálico, constituindo importações valencianas e, portanto, raras nos contextos medievais portugueses.

O restante espólio pertence à classe da cerâmica comum e exceptuando-se marca de jogo, que reflecte contexto lúdico, reconheceu-se baixo número de loiça de mesa (taça, prato, púcaro), predominando a loiça de cozinha. Nesta as panelas são a forma mais numerosa (54,16%), seguindo-se-lhes os tachos (16,66%).

Conforme antes assinalámos, esta ocupação deverá ser contemporânea da transformação do minarete em atalaia e, pelo menos na zona escavada, não mostra ter-se prolongado à segunda metade do século XV.

O escasso espólio do século XVI indica visitas ou ocupações, muito esporádicas, do local.

NOTAS

- * Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, n.º 26C – 1069-061 Lisboa.
- ** Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, n.º 26C – 1069-061 Lisboa.
- ¹ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. (1992) - Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 111-123.
- CATARINO, H. (1995) - Cerâmicas tardo-medievais/modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. In *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 129-136.
- CATARINO, H. (1997-1998) - O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. *Al-Ulyá*. Loulé. 6.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1995) - Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 77-96.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1997) - Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 221-241.
- FLORES ESCOBOSA, I.; MUÑOZ MARTÍN, M. del M.; MARINETTO SÁNCHEZ, P. (1997) - Aproximación al estudio de la cerámica tardo-nazari (Almería y Granada): pervivencia y cambio. In: *Transferències i comerç de ceràmica a l'Europa mediterrània (segles XIV-XVII)*. Palma. Institut d'Estudis Baleàrics, p. 15-51.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V. (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV -XVI, do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb*. Silves. 3, p. 143-205.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV. *Xelb*. Silves. 3, p. 33-78.
- GOMES, R. V. (1999) - Silves (Xelb) - *Uma cidade do Gharb Al-Andalus: Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*. Dissertação de Doutoramento em História- Especialidade de Arqueologia, U. N. L. Lisboa. Vol. III, p. 904-1185.
- GOMES, R. V. (2003) - *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2004a) - O ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve): resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 483-573.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2004b) - El ribat de Arrifana (Aljezur, Algarve): identificación y primeros trabajos. In *Fouilles de la Rábita de Guardamar I*. Madrid: Casa de Velázquez, p. 239-245.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2005a) - A *djibād* no Extremo Sudoeste Peninsular – O recém-identificado ribat da Arrifana (século XII). *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa. 16, p. 141-159.
- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2005b) - O ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve): resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2003 - Sector 1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 471-533.

- GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2005c) - O ribat da Arrifana (século XII). Resultados de três campanhas de escavações. *Al-Ribana*. Aljezur. 1, p. 41-71.
- MESQUIDA GARCÍA, M. (2002), ed. - *La cerámica de Paterna. Reflejos del Mediterráneo*. Valencia: Museo de Bellas Artes de Valencia.
- ORIHUELA UZAL, A. (1996) - *Casas y palacios nazaríes: siglos XIII-XV*. Madrid: Lunwerg Editores S.A.